

LITERATURA INFANTO-JUVENIL ADAPTAÇÃO DA OBRA CLÁSSICA “O CORTIÇO” DE ALUÍSIO DE AZEVEDO POR JOSÉ LOUZEIRO

Cristiane Regina Corsini*

Nádia Aparecida Marquini Lombardo*

Sebastião Faustino Ventura*

Priscila Pereira*

Sônia Maria Dornellas Morelli**

CORSINI, C.R.; LOMBARDO, N.A.M.; VENTURA, S.F.; PEREIRA, P.; MORELLI, S.M.D. Literatura Infanto-juvenil Adaptação Da Obra Clássica “O Cortiço” De Aluísio De Azevedo Por José Louzeiro. Educere. Umuarama. v. 5, n. 1, p. 35-43, 2006.

RESUMO: Este trabalho visa à análise comparativa entre a obra clássica “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo e sua adaptação feita por José Louzeiro. Para tanto apresenta estudos teóricos sobre a influência da Indústria Cultural na literatura e a formação do leitor contemporâneo. A partir daí, foi feito um cotejo entre as duas obras observando a estética e o conteúdo além da literariedade nos dois textos: (personagem, local, tempo, enredo...). Tal análise mostra a necessidade da formação continuada do professor no que diz respeito ao conhecimento de obras literárias, antes de adotá-las na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, adaptação, formação continuada

CHILD-JUVENILE LITERATURE: ADAPTATION BY JOSÉ LOUZEIRO OF THE CLASSIC MASTERPIECE “O CORTIÇO” BY ALUÍSIO DE AZEVEDO

ABSTRACT: This work aims at the comparative analysis between the classic Aluísio de Azevedo’s “O Cortiço” and its adaptation made by José Louzeiro. That’s why it presents theoretical studies about the influence of the cultural industry on literature and on the contemporary reader formation. From that, a comparison was made between the two workmanships observing the esthetical and the content beyond the literalness in the two texts: (personage, place, time, plot...). Such analysis shows the necessity of teacher’s continued formation concerning the knowledge of literary compositions, before using them in the classroom.

KEY WORDS: literature, adaptation, continued formation

*Acadêmico do curso de Letras. Universidade Paranaense. Campus Cianorte - PR. criscorsini@hotmail.com; nadiika@bol.com.br; venturasenior@hotmail.com; Priscilinha_p18@hotmail.com

**Professora Ms. – Unipar – Universidade Paranaense. Campus Cianorte. Sonia@unipar.br

Endereço para correspondência: UNIPAR – UNIVERSIDADE PARANAENSE – Campus de Cianorte - Avenida Brasil, 1123, Zona 02, 87200-000 Cianorte – PR.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL. ADAPTACIÓN DE LA OBRA CLÁSICA “O CORTIÇO” DE ALUIZIO DE AZEVEDO, HECHA POR JOSÉ LOUZEIRO

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo, el estudio comparativo entre el clásico “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo y su adaptación hecha por José Louzeiro. Para esto, presenta estudios teóricos sobre la influencia de la industria cultural en la literatura y la formación del lector contemporáneo. Desde este punto, se hizo un cotejo entre las dos obras observándose la estética y el contenido más allá de la literariedad en los dos textos: (personaje, local, tiempo, enredo...). Tal estudio muestra la necesidad de la formación continua del profesor en relación al conocimiento de obras literarias, antes de adoptarlas en el aula.

PALABRAS CLAVE: literatura, adaptación, formación continua.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as obras clássicas vêm sofrendo adaptações e não há estudos científicos mostrando quais os ganhos e perdas desta postura. Este trabalho visa a um estudo sobre a presença destas obras nas escolas de ensino fundamental, mais precisamente de 5ª a 8ª séries, tendo como suporte teórico, estudos de críticos que analisaram a contemporaneidade e a Indústria Cultural.

Podemos observar que na obra clássica há um detalhamento rigoroso nos fatos, apresentando os personagens precisamente, inclusive utilizando linguagem rebuscado, devido à obra ter sido destinada à determinada classe social. Na adaptação, a história segue o desfecho priorizando o enredo, apresenta uma linguagem atual e de fácil entendimento. Por isso, faz-se necessário que os professores conheçam, além da adaptação também a obra clássica. É preciso que estejam em formação contínua, pesquisando, bibliotecas, os lançamentos feitos pelas editoras, bem como fazendo leitura prévia das obras, antes de cobrá-las dos alunos.

Dizem alguns que o gosto pela leitura, na atualidade, está em crise; aliás, para muitos isso nunca foi de fato significativo. Entretanto, a sociedade, em sua grande maioria, não tem acesso ou não se interessa em tornar a leitura um hábito. Para Bordini e Aguiar (1993, p. 13) “a desvalorização da leitura se relaciona ao fato de que talvez esta como atividade intelectual, não proporcione acumulação de capital.” Assim, há uma perda referente aos diversos tipos de leitura, que se fazem presentes em uma infinidade de textos.

Partindo desses pressupostos, a Indústria-Cultural, buscando atrair a atenção do público consumidor, tem investido em adaptações de obras-clássicas, procurando tornar as antigas e abandonadas histórias em algo novo, indo ao

encontro das necessidades atuais; ou seja, a clássica transveste-se e chega ao leitor contemporâneo de uma forma mais acessível.

Este trabalho visa à análise comparativa entre a obra clássica “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo e sua adaptação feita por José Louzeiro. Para tanto, apresenta estudos teóricos sobre a influência da Indústria Cultural na literatura e a formação do leitor contemporâneo

DESENVOLVIMENTO

Quando um autor se propõe a adaptar uma obra clássica, ele precisa atualizar algumas expressões ou palavras que foram utilizadas na época que, hoje, podem estar em desuso. Porém, além desse cuidado, é preciso que haja compromisso e muita responsabilidade para que o enredo não se perca, ou que fatos ocorridos no desenrolar da trama, não venham a ser reescritos de forma diferente, levando o leitor a duvidar de sua veracidade.

Observa-se como exemplo na adaptação de *O Cortiço*, logo no primeiro capítulo, o seguinte trecho:

Com estes lances astuciosos, o comerciante foi tratando de ganhar dinheiro, mas sempre com a preocupação de que, cedo ou tarde, o proprietário reapareceria, a fim de reclamar sua escrava. Meses depois, Romão inventou que o fazendeiro havia morrido. Comemorou o acontecimento com outra garrafa do Porto, embora Bertoleza não tivesse mostrado muito à vontade, pois jamais brindara a morte de alguém (LOUZEIRO, 1999, p. 7).

Na obra clássica, no mesmo capítulo, consta: “Não obstante, só ficou tranqüilo de todo daí a três meses, quando lhe constou a morte do velho. A escrava passara naturalmente em herança a qualquer dos filhos do morto; mas, por estes, nada havia de reear...” (AZEVEDO, 1998, p. 17).

Contudo, sabe-se que no ato de recontar uma história ou outro fato qualquer é natural perda ou o acréscimo de algum fato. Determinados acontecimentos que na obra clássica gerariam algum questionamento, na adaptação, o desfecho é tão simplificado que a obra se torna clara e óbvia. Não há sequer a necessidade de uma releitura para melhor entendimento.

Outro aspecto deve ser levado em consideração. Se analisarmos a variedade ou os tipos de leitores que terão acesso a estas obras, a adaptação seria de grande validade, tanto para as camadas populares quanto para alunos que estão se preparando para o vestibular.

Quando se reporta à sala de aula e ao material que está sendo indicado pelo professor, é preciso alguns questionamentos: Tais obras estão levando o aluno a algum tipo de raciocínio? Qual é a capacidade intelectual que se acredita que o educando tem? Quais as conseqüências advindas em uma postura docente que faz

uso de interpretações únicas e irretocáveis? O papel principal do professor é fazer com que o aluno desenvolva a análise crítica, além de incentivar seu gosto e hábito de leitura, porém, justamente no meio escolar, várias idéias são retorquidas ou não desenvolvidas; por isso há a necessidade de professores com boa fundamentação teórica e metodológica. (BORDINI e AGUIAR, 1993)

Segundo Hall (1999), o indivíduo moderno está em constante mudança, possuindo diversas identidades que o empurram em diferentes direções. Ao mesmo tempo em que o tradicional é venerado, a sociedade contemporânea está em contraste com sua forma altamente reflexiva de vida; o que se supunha como imutável, foi perdido. A atual cultura precisa, sempre, ser examinada e reformada diante das modificações que as transformações sociais impõe. Percebemos que provavelmente, existe uma necessidade, na Literatura Infanto-Juvenil moderna, de desenvolver um melhor entrosamento com o antigo, tendo em vista as diversas mudanças sociais e lingüísticas.

O Cortiço, obra publicada em 1890 por Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913), fixa conjuntos humanos basicamente em dois mundos: o Cortiço e a casa de Miranda. Nestes dois lugares, haverá vários conflitos em todo o desenvolver da história. A linguagem é própria da época; cheia de adjetivos elaborados, tendo em vista os diversos tipos sociais. Comenta sobre a sociedade e as suas formas de vida: um contexto social mesquinho onde o sexo predomina, às vezes, mais forte do que a ambição, personificada no dono do Cortiço e na casa de Miranda. A obra narra, também, o pensamento dos imigrantes, homens que chegavam ao Brasil a trabalho e, por uma razão ou outra, não tinham obtido o sucesso almejado. Precisavam se familiarizar com o povo da classe baixa, meio social onde eles acabariam por ficar. Assim, alguns preferiam casar-se com mulheres de origem negra para que não fossem desprezados naquele grupo. Por parte destas, também havia o interesse de casarem com o homem português, haja vista este ser de uma raça superior. Dessa forma, seus filhos seriam de uma raça mais bem vista, no caso a portuguesa. Pelo que se percebe é como se houvesse um acordo simulado.

No primeiro capítulo da obra clássica, o autor apresenta os protagonistas João Romão e Bertoleza, contando sobre o passado e os planos para o futuro. Ela como uma escrava fujona que sonhava em obter sua alforria, e ele um doente pelo dinheiro. Como necessitasse de alguém para ajudá-lo, encontrou na força de vontade da escrava um apoio para a ampliação de seus negócios, principalmente na construção do cortiço. Ela passou a exercer tríplice papel: vendedora, criada e amante. Romão transforma-se, então, em rico negociante. É capaz de qualquer falcaturia para subir na vida. Desenvolveu a ganância em adquirir o máximo de terras e de poder até que Miranda, um negociante português, comprou um lote de terra próximo ao seu. A partir daí, segue na história toda uma intriga que haverá

entre eles devido à posse do terreno que a ambos interessavam. Disputavam poder: que vencesse o mais forte, ou o melhor em trapanças.

O Cortiço, obra adaptada por José Louzeiro, apresenta a história bem mais clara para a sociedade atual. De início, o autor explica o motivo por estar adaptando a obra “A adaptação de um clássico é, antes de tudo, um gesto de admiração pelo escritor, uma tentativa de divulgá-lo para jovens leitores”, (LOUZEIRO, 1999). O autor segue afirmando que foi árdua a adaptação, lida e relida inúmeras vezes.

Sobre este assunto, Bakhtin (2000, p. 385) afirma:

Numa primeira etapa, o problema consiste em compreender a obra como o próprio autor a compreendia, dentro dos limites da compreensão que lhe era própria. Cumprir essa tarefa é difícil e requer em geral a utilização de um material considerável. Numa segunda etapa, o problema consiste em tirar partido da exotopia temporal e cultural: incluir a obra no nosso contexto (alheio ao autor).

Louzeiro (1999, p. 3) diz que “as maiores dificuldades surgiram nos momentos das necessárias elisões, da reordenação dos elementos romanescos e, também, da atualização de certas palavras e até expressões inteiras”. Também enfatiza que a síntese foi respeitada, para que fosse mantida a estrutura da obra, seu estilo e a narrativa. Então, logo no primeiro capítulo alguns fatos que geram subjetividade e deixam o clássico mais colorido, foram perdidos. O autor centra-se na descrição dos personagens, mas não conta os detalhes variados de cada um.

A obra clássica, em seu segundo, terceiro e quarto capítulos, fala sobre toda a família de Miranda, suas desgraças, revoltas, incertezas e traições. Enquanto que no cortiço há prosperidade. Miranda, em sua inveja, institui um objetivo: a conquista do título de barão. A narrativa segue, contando detalhes sobre cada morador do cortiço: como este despertava, os barulhos eram constantes devido à proximidade das casas, descreve de forma bastante realista um mundo em que havia uma pobreza imensa.

O narrador zoomorfiza o ser humano. Ainda no primeiro capítulo, há um trecho relatando que constantemente as mulheres ficavam grávidas. Observemos: “E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.” (AZEVEDO, 1998, p. 26).

Na venda de Romão, o dia era corrido, servia-se almoço e os funcionários das fábricas comiam lá. Inclusive o relato deste momento é tão bem escrito que se reporta àquele momento, imaginando um lugar muito cheio e nojento.

Todo este enredo se faz presente na adaptação, mas o trecho anteriormente destacado não foi resgatado. Também houve perda de alguns detalhes contidos na descrição dos personagens, e, nas histórias de vida. Estes complementos são válidos para um leitor mais assíduo, que faz do processo de leitura uma constante.

A linguagem abordada na obra clássica torna-se difícil para leitores pouco experientes. Podemos constatar no terceiro capítulo, onde é descrito como era o acordar no cortiço:

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia. (AZEVEDO, 1998, p. 35).

Na obra reelaborada, o autor nem resgata este trecho; ele simplesmente relata que era muito agitado o amanhecer no cortiço, descrevendo da seguinte maneira: “O zunzum de todos os dias acentuava-se. Já não se destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto, que enchia toda a estalagem. Começavam a fazer compras...”. (LOUZEIRO, 1999, p. 16).

É perceptível a diferença na elaboração linguística nos dois textos. Entretanto, para a sociedade atual; qual é o tipo de linguagem que domina? Qual é o interesse em desenvolver a leitura e a escrita? Conforme matéria elaborada por Bordini e Aguiar (1993), é importante a formação do leitor desde o princípio, quando se deve criar um vínculo entre este e a cultura em que se encontra e fazê-lo reconhecer-se na obra literária, criando uma certa familiaridade que o tornará um leitor capaz de encontrar-se nas diversas culturas existentes. Contudo, o processo de formação do leitor deve seguir diferentes estágios. É natural que não se inicie com obras de difícil compreensão, o que tornaria cansativo e, provavelmente, geraria mais afastamento do que proximidade ou gosto.

É preciso saber inteirar o alunado com os diversos textos, procurando saber o que chama a atenção. Pode-se observar que as obras de literatura infanto-juvenil contemporâneas são fartamente ilustradas, coloridas com o objetivo é cativar o leitor. Os textos são escritos de modo que as narrativas dificilmente chegam a cem páginas. A Indústria Cultural lança mão destes atrativos e vende uma imagem. O adaptador, por sua vez, tenta seduzir o leitor através de seu vocabulário e enredo. Podemos observar que a obra adaptada tem apenas 86 páginas com muita ilustração enquanto que a clássica tem 207 páginas.

No quinto capítulo da obra clássica, o autor conta detalhes da vida de Jerônimo, sua esposa Piedade e sua filha Marianita que estava em um colégio interno. Fala sobre suas desgraças na vinda ao Brasil. Ele, um homem forte, trabalhador e muito honesto. Com pouco tempo que havia chegado no cortiço, já era respeitado devido a sua seriedade e coragem. No sexto, sétimo e oitavo capítulo, primeiramente, é narrado como era o domingo naquele lugar onde o silêncio prosperava. Em um desses dias, há o retorno de uma antiga moradora do cortiço, a Rita Baiana. O autor a descreve como mulher muito sensual que provocou uma reviravolta na vida de Jerônimo. “... naquela mulata estava o

grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara das matas brasileiras;” (AZEVEDO, 1998, p. 73).

Azevedo segue apresentando: Firmo, mulato amante de Rita e lutador de capoeira sempre estava por perto de olho nos atos de sua mulher; Albino era muito sensível, afeminado; Machona brigona e gritona; Leonor em suas tagarelices com os homens; Augusta sempre falando e agindo preguiçosamente; Leocádia amiga fiel de Rita; Paula conhecida mais por Bruxa sempre fazendo magias para as moradoras; D. Isabel, sempre triste, mãe de Pombinha; Marciana, Das Dores, todos moradores do cortiço.

Louzeiro, mesmo sem resgatar outros detalhes de Rita baiana, refere-se a ela na adaptação. Percebe-se que para haver uma simplificação, alguns detalhes que no clássico foram descritos, aqui o autor faz em forma de narração. Vejamos um exemplo:

Jerônimo viera da terra, com a mulher e uma filhinha ainda pequena, tentar a vida no Brasil, na qualidade de colono de um fazendeiro, em cuja fazenda mourejou durante dois anos, sem nunca levantar a cabeça, e de onde afinal se retirou de mãos vazias e uma grande birra pela lavoura brasileira. Para continuar a servir na roça tinha que se sujeitar a emparelhar com os negros escravos e viver com eles no mesmo meio degradante, encurralado como uma besta, sem aspirações, nem futuro, trabalhando eternamente para outro... (AZEVEDO, 1998, p. 53).

Na adaptação o autor apresenta estas idéias em forma de conversa entre o casal:

-Será que a vizinhança aqui é boa? – indagou Piedade.

– Boa ou má, que fique pra lá. O importante é a gente ter condições de assistir a nossa Marianita no internato.

–Bem melhor que aquela maldita fazenda. E para ganhar o quê? Quase que a gente vira escravo! (LOUZEIRO, 1999, p. 24).

As riquezas dos detalhes apresentados por Azevedo, tornam a obra marcante. Nos capítulos que se seguem é considerável a influência que o meio exerce na vida daquela gente; o destino e as transformações que vão ocorrendo na trama são relatados com muita precisão e realidade. as tradições se misturam, ideologias são criadas, o cortiço parece descrever toda a seqüência que também se daria na sociedade brasileira:

Amara-o a princípio por afinidade de temperamento pela irresistível conexão do instinto luxurioso e canalha que predominava em ambos, depois continuou a estar com ele por hábito, por uma espécie de vício que amaldiçoamos sem poder largá-lo; mas desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranqüila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou

os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu macho de raça superior. O cavouqueiro, pelo seu lado, cedendo às imposições mesológicas, enfarava a esposa, sua congênere, e queria a mulata, porque a mulata era o prazer, era a volúpia, era o fruto dourado e acre destes sertões americanos, onde a alma de Jerônimo aprendeu lascívia de macaco e onde seu corpo porejou o cheiro sensual dos bodes. (AZEVEDO, 1998, p. 151).

No nono capítulo, o contexto do enredo da obra clássica perde-se; o adaptador transmite somente informações objetivas: “Na base dos beijos, abraços e prolongados gozos, o português terminou se brasileiroando: ficou preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, libidinoso e ciumento”. (LOUZEIRO, 1999, p. 75).

Na descrição feita por Azevedo percebe-se um certo grau subjetivo, pois em um longo trecho o autor explica como foi e por quê foi que a mudança ocorreu na vida de Jerônimo. Interessante é poder também comparar estas influências do meio e a mistura de raças relatadas na obra clássica, com a sociedade brasileira hoje, parece que toda essa transformação é de fato expressiva em nossa história social. Vejamos parte da descrição de Azevedo:

Ele tornou-se liberal, mais amigo de gastar do que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, ... e assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo brasileiroou-se; ... a aguardente de cana substituiu o vinho, principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou em fumar também”. (AZEVEDO, 1998, p. 86)

Sabe-se que é preciso engajar os alunos nas diversas decorrências sociais, onde as raças se diferem, e o que influencia no futuro da sociedade; as idéias em relação às mudanças ocorridas no português que se brasileiroou, não deveriam ter sido extraídas na adaptação nem parcialmente, pois parte do nível contextual da obra clássica sofre perda considerável.

Fator perceptível na adaptação é a perda de expressões de época, como: “Era um no papo outro no saco!”, “Aviem-se”, “Marraios”, “Peniqueira”, entre outros.

Verifica-se que há professores maciçamente acomodados ante o problema da leitura, não apresentando leituras variadas. Adotar obras adaptadas nas escolas traz à tona palavras que os alunos já conhecem, pode ser fator positivo devido à compreensão ocorrer com mais rapidez, porém empobrece o conteúdo das obras e desvirtua sua finalidade original.

Cumprido que se metodiza o ensino, mas não apenas numa direção, perseguindo um ideal absoluto de homem, como tem sido a norma. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p.35 – 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas vertentes: o clássico e o adaptado podem se tornar materiais amplos na sala de aula, podendo, inclusive, serem trabalhados em grupo; os próprios alunos poderiam constatar que a obra clássica possui uma infinidade de significados.

Se o modelo almejado é o do leitor crítico, capaz de discriminar intenções e assumir atitudes ante o texto com independência, a primeira providência é sondar as necessidades dos estudantes. (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 42).

O professor precisa desenvolver de maneira criativa o processo da leitura; é necessário saber quais os interesses dos alunos e, se preciso for, mudá-los.

Para que a obra clássica seja adotada pelo leitor contemporâneo é preciso que o leitor se interesse pelo desconhecido a fim de descobrir modos alternativos de ser e de viver, muitos destes retratados no texto clássico. Isso se apresenta como um desafio a ser vencido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, A. **O cortiço**. 33. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. de. **A formação do leitor**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LOUZEIRO, J. **O Cortiço**. São Paulo: Scipione, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Recebimento em: 08/06/2005

Aceito em: 04/10/2005

PÓS-GRADUAÇÃO UNIPAR

2006

CIÊNCIAS SOCIAIS

Campus Umuarama

- Especialização em Arquitetura de Interiores
- Especialização em Controladoria e Gestão Financeira
- Especialização em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho
- Especialização em Direito Previdenciário
- Especialização em Gestão Estratégica de Marketing

Campus Toledo

- Especialização em Gestão Tributária e Custos
- MBA em Gestão Empresarial

Campus Paranavai

- Atualização em Contratos
- Atualização em Direito de Danos

Campus Guaíra

- Especialização em Direito Penal e Processual Penal
- Especialização em Marketing Empresarial: Uma Visão Empreendedora

Campus Cianorte

- Especialização em Criação e Desenvolvimento de Produtos de Moda

Campus Cascavel

- Especialização em Administração Integrada em Marketing e Recursos Humanos
- Especialização em Comunicação, Design e Linguagens Digitais
- Especialização em Meio Ambiente, Lazer e Meios de Hospedagens Alternativos

Campus Francisco Beltrão

- Especialização em Controladoria e Gestão Financeira
- Especialização em Direito Constitucional
- Especialização em Marketing

QUEM PENSA FAZ.



www.unipar.br